

BRASIL

RELATÓRIO DE INVESTIMENTOS



Paulo Picchetti e o mercado de imóveis comerciais no Brasil pela ótica do IGMI-C.

página 4

Fundos Imobiliários captam R\$ 2,7 bilhões no 1º semestre de 2011: 83% da captação total de 2010.

Panorama Econômico

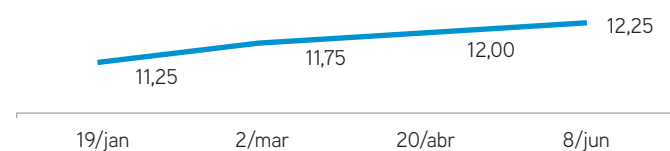
A economia brasileira obteve desempenho extraordinário em 2010, apoiada principalmente nos estímulos dados pelo governo federal no intuito de aumentar a oferta de crédito, bem como no aumento do emprego e da massa salarial. Neste ano, o PIB cresceu 7,5% em relação a 2009 – o melhor desempenho dos últimos 25 anos. No entanto, sabe-se que um crescimento desta grandeza está muito além da taxa de crescimento potencial de nossa economia, ou seja, da taxa de crescimento que permite ao país crescer sem gerar pressões inflacionárias.

É nesse contexto que se inicia o primeiro semestre de 2011, refletindo os efeitos negativos de um período de crescimento não sustentável.

A primeira edição no ano do Relatório Focus, documento elaborado pelo Banco Central do Brasil, o qual relata as projeções do mercado com base em consultas às instituições financeiras atuantes no país, apontava uma expectativa de que o IPCA terminaria o ano em 5,34% - acima do centro da meta de inflação pretendida pelo governo, de 4,5%, porém ainda abaixo do teto de 6,5%. No entanto, ao longo dos primeiros meses do ano, as preocupações com a inflação tornaram-se mais latentes, a partir de divulgações, pelo IBGE e pela FGV – principais instituições responsáveis pelo cálculo dos índices de inflação – de números apontando crescimento robusto dos preços.

Diante desse cenário, não houve escolha ao Banco Central senão iniciar o ano com contínuos aumentos na taxa de juros. No primeiro semestre, o Comitê de Política Monetária (COPOM) se reuniu quatro vezes, elevando a taxa Selic de 10,75% para 12,25% ao ano.

METAS SELIC (%) - 1º SEMESTRE DE 2011

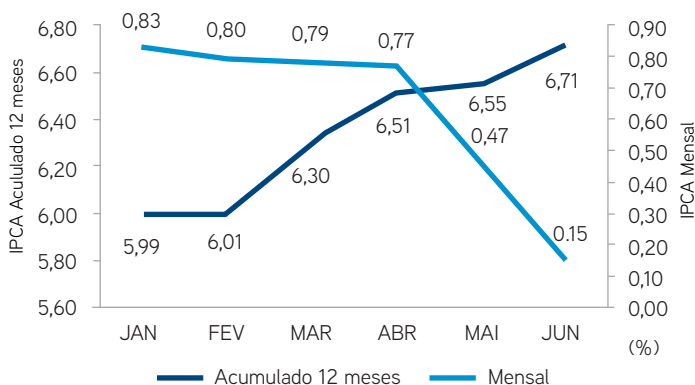


O efeito da elevação dos juros, somado às medidas macroprudenciais¹ adotadas pelo Banco Central no final de 2010, começou a ser sentido apenas no final do primeiro semestre. Nos primeiros quatro meses do ano, o IPCA apresentou crescimento de aproximadamente 0,8% ao mês, sendo que nos meses de maio e junho o crescimento foi de apenas 0,47% e 0,15%, respectivamente.

No entanto, no cálculo acumulado até o mês de junho, o IPCA apresentava crescimento de 3,87%, e no período de 12 meses de 6,71%. Quanto ao IGP-M, índice bastante utilizado para correção dos contratos de aluguéis, o aumento foi de 3,15% no semestre e 8,65% no período de 12 meses. Tais números demonstram que o risco de inflação continua preocupante, o que deve levar a novos aumentos na taxa básica de juros nas próximas reuniões do COPOM.

O último Relatório Focus do mês de junho aponta uma expectativa do mercado de que a taxa Selic encerre o ano a 12,75% ao ano e o IPCA a 6,16%.

IPCA MENSAL X ACUMULADO 12 MESES (%)



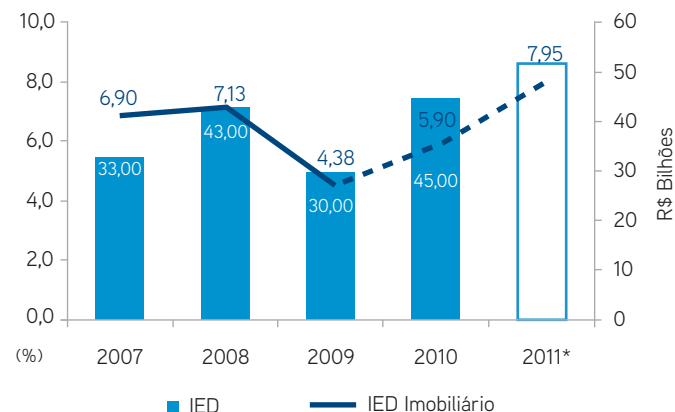
Sendo o Brasil líder no ranking mundial de taxa de juros, o movimento de alta na Selic aumenta ainda mais o interesse dos capitais estrangeiros por títulos públicos brasileiros, já que estes lhes proporcionam melhores retornos, fazendo com que haja valorização do real em relação às outras moedas, principalmente o dólar.

No entanto, há outros fatores que também contribuem pesadamente para a valorização cambial, como (i) o elevado superávit na balança comercial, o qual, apesar de estar diminuindo, continua elevado devido aos preços das commodities (o Brasil é um dos grandes exportadores de commodities); (ii) a própria desvalorização do dólar causada pelas dificuldades encontradas pela economia norte-americana em retomar o crescimento e; (iii) a forte atração de capitais estrangeiros para investimentos de longo prazo, dadas as boas perspectivas da economia brasileira, em um ambiente onde há farta liquidez nos mercados financeiros internacionais – resultado das injeções de capitais realizadas pelos Bancos Centrais ao redor do globo no período da crise dos subprimes.

O volume de investimentos estrangeiros diretos (IED) – investimentos de longo prazo voltados para o setor produtivo – registrou no primeiro semestre do ano o recorde de US\$ 32,5 bilhões.

A expectativa para o fim do ano é que o total de IED chegue a US\$ 51,85 bilhões. Estima-se que aproximadamente 7,95% desse volume seja destinado ao mercado imobiliário.

IED IMOBILIÁRIO (%) X IED (R\$ BILHÕES)

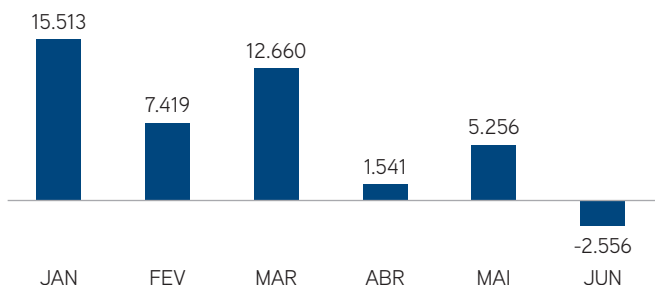


* 1º semestre de 2011

Até o mês de junho, o ingresso cambial líquido na economia brasileira foi de US\$ 39,8 bilhões, mais de dez vezes maior que o ingresso registrado no mesmo período do ano de 2010 – US\$ 3,3 bilhões. Dessa forma, apesar das medidas macroprudenciais adotadas pelo Banco Central na tentativa de conter a apreciação do real, bem como das compras de dólares no mercado à vista no intuito de compor as reservas cambiais, não foi possível evitar a constante valorização de nossa moeda.

A cotação do dólar no final do primeiro semestre foi de R\$ 1,56/US\$, mais de 5% menor que a do início do ano, R\$ 1,65/US\$, e cerca de 11% menor que a média de 2010. A expectativa para o final do ano é que o câmbio esteja a R\$ 1,60/US\$.

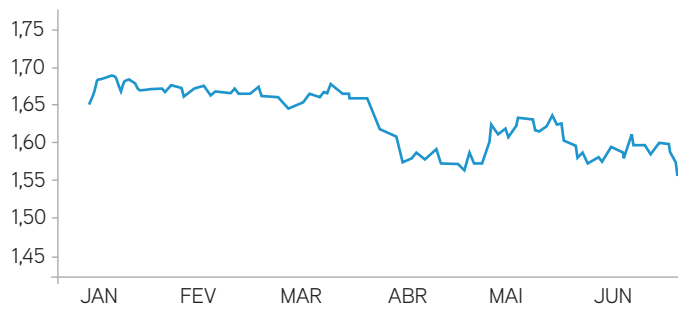
FLUXO CAMBIAL 2011 (US\$ MILHÕES)



¹O Bacen, juntamente com o Conselho Monetário Nacional (CMN), adotou no final de 2010 um conjunto de medidas de natureza macroprudencial para aperfeiçoar os instrumentos de regulação existentes, manter a estabilidade do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e permitir a continuidade do desenvolvimento sustentável do mercado de crédito. As medidas adotadas são as seguintes:

- Majoração do requerimento de capital para operações de crédito a pessoas físicas com prazos superiores a 24 meses
- Elevação do compulsório sobre depósitos a vista e a prazo
- Expansão do limite de garantia prestada pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC) e estabelecimento de cronograma para extinção do Depósito a Prazo com Garantia Especial (DPGE)

EVOLUÇÃO DA TAXA DE CÂMBIO (R\$/US\$) - 1º SEMESTRE DE 2011

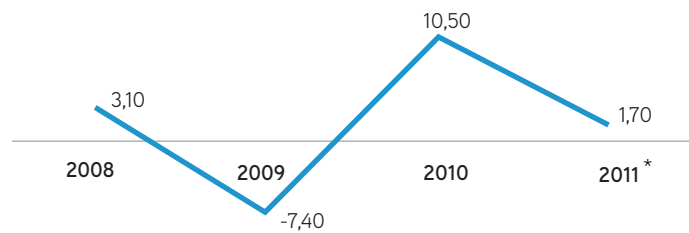


O setor industrial é o que mais sente os efeitos negativos da valorização do câmbio, já que aumenta a competição dos produtos importados, artificialmente mais baratos por conta da diferença cambial. Da mesma forma, a competitividade dos produtos produzidos no Brasil diminui, tornando-os mais caros no exterior e, conseqüentemente, contribuindo negativamente para as nossas exportações.

Segundo o IBGE, a produção industrial cresceu 1,7% no primeiro semestre do ano, resultado bastante inferior aos 16,2% registrados no mesmo período de 2010. Estima-se que a produção industrial mantenha-se positiva ao longo de 2011, porém em ritmo mais acomodado se comparado ao ano anterior, dado: (i) a elevação da taxa básica de juros; (ii) a apreciação do Real frente ao dólar e; (iii) o elevado custo Brasil, o qual reduz a competitividade e a capacidade de investimento das empresas instaladas no país.

Diante desse cenário, o governo estuda o lançamento de um plano de estímulos à indústria brasileira, através de desonerações tributárias e financiamento ao investimento.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL ACUMULADA POR ANO (%)



* 1º semestre de 2011

Quanto ao setor de varejo, os primeiros seis meses de 2011 registraram crescimento acumulado de 7,3%, o menor resultado para o período desde 2009 (4,4%). No entanto, apesar de ter sido menor que o do ano passado (9,3%), o resultado mostra uma demanda ainda aquecida e uma desaceleração mais moderada que a do setor industrial, principalmente por estar, o setor de varejo, diretamente ligado a fatores como emprego, renda e crédito, os quais vêm apresentando desempenho bastante positivo. A Pesquisa Mensal do Emprego (PME) para o mês de junho, divulgada pelo IBGE, apontou uma taxa de desocupação de 6,2%, o menor resultado para o mês desde 2002, quando começou a série. O rendimento médio real dos ocupados foi de R\$ 1.578,50, também o mais alto para o mês desde 2002.

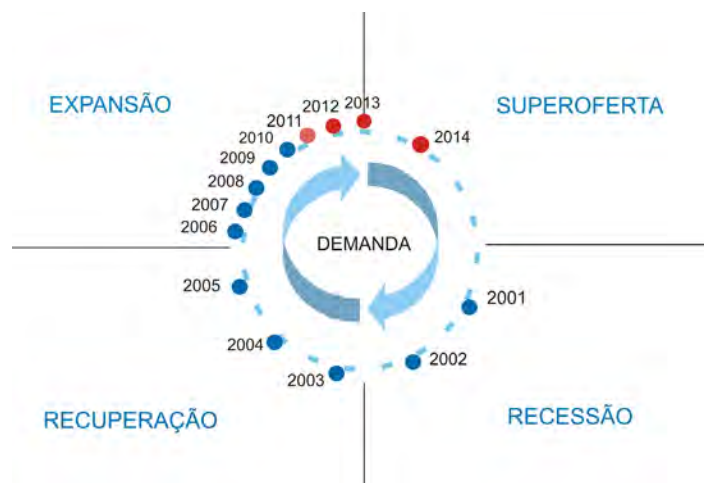
Os dados reforçam a tese de que a economia segue aquecida, porém em ritmo menor que o apresentado em 2010. A expectativa do mercado para o crescimento do PIB este ano é de 3,95% - mais condizente com

a PIB potencial estimado para o país, ao redor de 4% a 5% ao ano. No entanto, efeitos negativos de uma possível crise a se instalar nas economias européia e norte-americana podem reduzir um pouco mais a taxa de crescimento do PIB brasileiro.

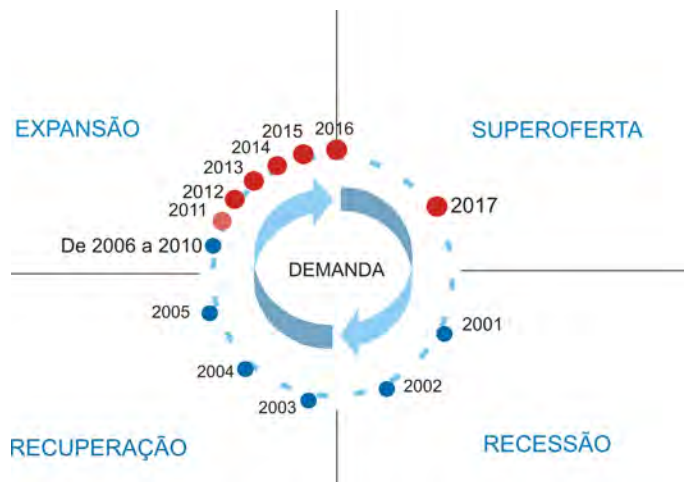
A despeito da queda no ritmo de crescimento a ser apresentado pela economia brasileira neste ano, as perspectivas para o mercado imobiliário continuam bastante positivas, dado que ainda há um descasamento entre oferta e demanda, sendo esta última bastante superior à primeira, o que reflete em aumento de preços e diminuição das taxas de vacância, principalmente nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, principais polos econômicos do país.

Diante disso, a Colliers estima que o ciclo de mercado de escritórios de São Paulo deve atingir o estágio da superoferta em 2013, enquanto que no Rio de Janeiro isso deverá acontecer apenas em 2016.

CICLO DE MERCADO DE SÃO PAULO



CICLO DE MERCADO DE RIO DE JANEIRO

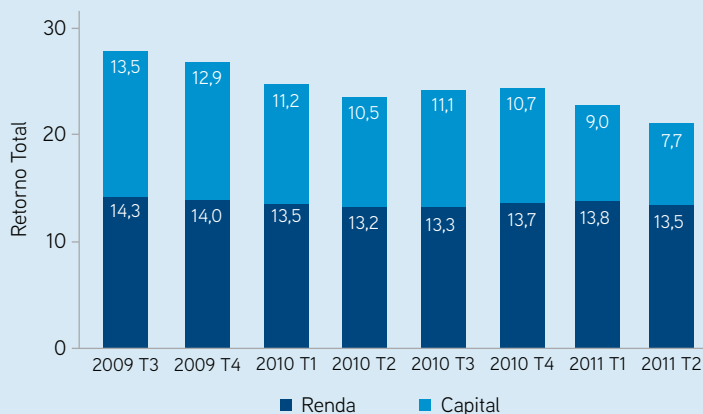


O mercado de imóveis comerciais no Brasil pela ótica do IGMI-C

Por Paulo Picchetti – IBRE/FGV

A quantidade e qualidade das informações econômicas sobre um país estão sem dúvida ligadas ao seu grau de desenvolvimento. Os recursos necessários para a construção de estatísticas primárias são normalmente grandes, mas a melhoria dos padrões gerenciais e de análise decorrentes mais que justificam o investimento. A economia brasileira atravessa um momento que sinaliza uma mudança estrutural, com a fase da conquista da estabilidade macroeconômica dando lugar ao crescimento consistente. Neste contexto, os investimentos em ativos reais ganham um novo destaque, principalmente em função da tendência de longo prazo de queda na taxa de juros. O Índice Geral do Mercado Imobiliário Comercial (IGMI-C) foi lançado no início de 2011 com os objetivos de aumentar a transparência do mercado imobiliário, fornecer uma importante ferramenta gerencial para os investidores no setor, e ainda somar às estatísticas utilizadas nas análises macroeconômicas. O gráfico abaixo mostra a evolução do IGMI-C nos oito últimos trimestres, com relação aos mesmos períodos correspondentes dos anos anteriores.

IGMI-C: TAXAS DE RETORNO ANUALIZADAS (%)



Seguindo padrões internacionais, o IGMI-C é calculado a partir das taxas de rentabilidade dos retornos do capital e operacional, que somadas fornecem a taxa de retorno total associada aos investimentos. Atualmente, a amostra do IGMI-C é composta principalmente por imóveis comerciais e shopping-centers, mas também contém hotéis, galpões industriais, entre outros. A série histórica trimestral completa, desde o início de 2000, está disponível no site www.fgvdados.com.br. Desde seu lançamento, o número de informações na amostra vem crescendo a cada trimestre, sendo aberta a participação a novos colaboradores, que recebem informações adicionais na forma de aberturas detalhadas sobre o mercado.

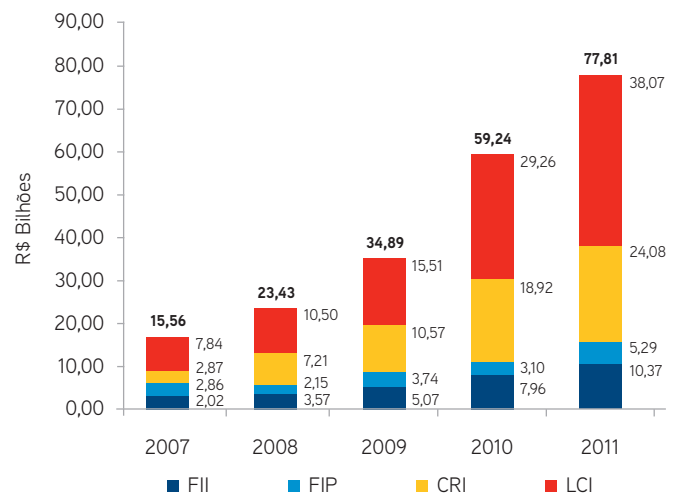
- Paulo Picchetti é especialista em Econometria, Professor da Escola de Economia de São Paulo (FGV) e Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV), além de Coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IBRE-FGV).

Panorama de Mercado

MERCADO DE CAPITAIS

Ainda reflexo do bom momento observado em 2010, momento este sem precedentes, o ano de 2011 inicia-se com expectativas bastante positivas para o mercado imobiliário brasileiro. Já nos seis primeiros meses do ano, o mercado de capitais, através de seus quatro principais instrumentos utilizados para canalização de recursos para o mercado imobiliário (LCI – Letras de Câmbio Imobiliárias; CRI – Certificados de Recebíveis Imobiliários; FIP – Fundo de Investimento em Participações e; FII – Fundo de Investimento Imobiliário), aumentou o estoque de recursos destinados a esse mercado em R\$ 18,5 bilhões.

ESTOQUE DE INVESTIMENTOS POR INSTRUMENTOS



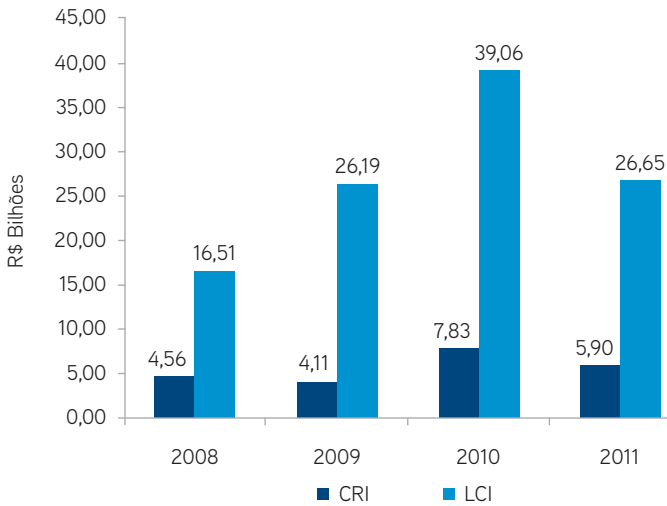
Da mesma forma como ocorreu em 2010, as LCI foram os instrumentos que mais captaram recursos para o mercado imobiliário no primeiro semestre de 2011, R\$ 8,8 bilhões, seguidas pelos CRI, os quais captaram R\$ 5,2 bilhões. Cabe destacar a decisão do governo, no início deste ano, em incluir os CRI no pacote de estímulo ao financiamento de longo prazo, isentando do pagamento de Imposto de Renda os investidores estrangeiros que adquiram CRI com prazo médio mínimo de quatro anos, vinculados a um projeto de investimento e sem a possibilidade de recompra pelo emissor durante os primeiros dois anos.

Outro movimento favorável ao desenvolvimento deste mercado foi a decisão da BM&FBovespa em reduzir as taxas cobradas nos negócios realizados com CRI, a partir de 03 de janeiro de 2011. Além disso, percebe-se no mercado um movimento de atração dos gestores de Fundos de Investimento Imobiliário por esses papéis, devido ao fato de serem títulos imobiliários de renda fixa – normalmente, com rendimentos indexados ao IGP-M (como, IGP-M + 8% a.a., por exemplo), porém com o benefício fiscal de isentar do pagamento de Imposto de Renda os investidores pessoas físicas e investidores estrangeiros, conforme dito acima.

Estima-se que o volume de CRI em carteira nos FII seja de R\$ 878,7 milhões. Ainda, o aumento da volatilidade apresentada no mercado de renda variável forçou os investidores a recorrerem a investimentos mais estáveis, como os CRI, por exemplo.

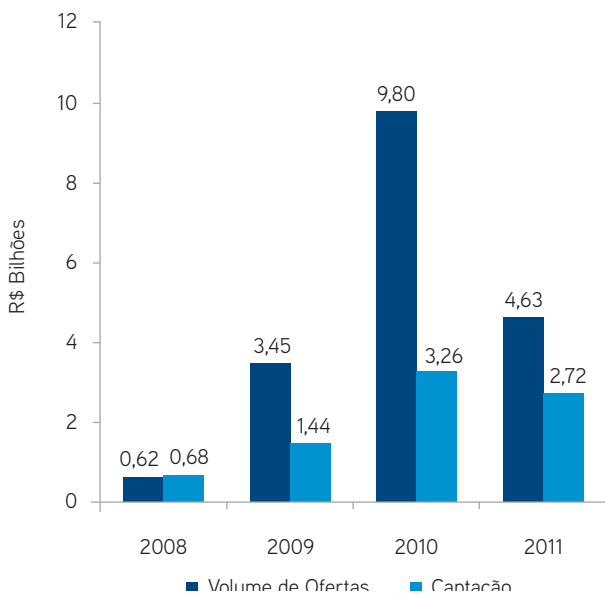


DEPÓSITOS DE CRI E LCI



No que se refere aos FII - veículo que recebeu bastante destaque no ano de 2010 pelo forte crescimento no volume de ofertas registradas na CVM, R\$ 9,8 bilhões, número 284% superior ao do ano anterior - o volume de ofertas neste primeiro semestre foi de R\$ 4,6 bilhões. A captação real de recursos alcançou o volume de R\$ 2,7 bilhões no mesmo período, ou seja, 83% da captação total obtida durante todo o ano de 2010, R\$ 3,26 bilhões. Segundo a BM&FBovespa, o número de cotistas dos FII cresceu 37,6% entre dezembro do ano passado, quando era de 21.216, e junho deste ano, quando atingiu a marca de 29.192 cotistas. Neste mesmo período, o número de fundos que entraram em operação foi 23, superior aos 19 que começaram a operar ao longo de todo o ano de 2010.

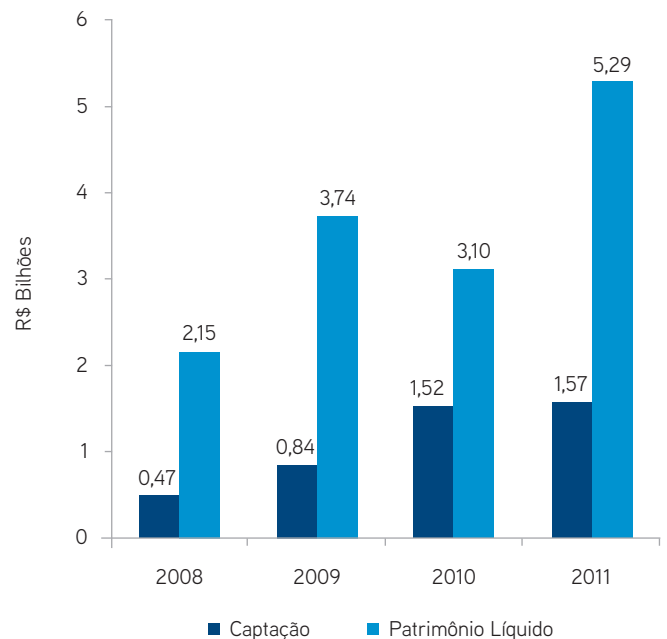
FUNDOS DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO



Não pelo volume de recursos captados, mas sim pela mudança de tendência em relação ao ano anterior, o destaque desse primeiro semestre fica por conta dos FIP destinados ao setor imobiliário. Em 2010, este tipo de instrumento registrou perdas de aproximadamente R\$ 600 milhões em seu patrimônio líquido. No entanto, de janeiro a junho de 2011, o saldo no patrimônio líquido já está positivo em R\$ 2,18 bilhões.

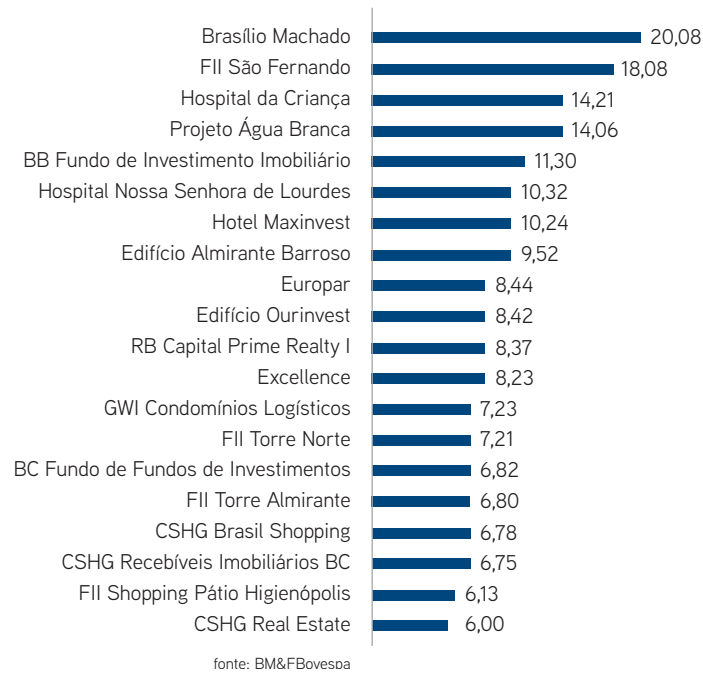
O volume de captação foi de R\$ 1,57 bilhão, já superior ao volume registrado em todo ano de 2010 - quando foi captado R\$ 1,52 bilhão. O número de FIP no mercado atingiu a marca de 362, sendo que 66 possuem como política de investimento o objetivo de atuar no setor imobiliário - 15 a mais que o número registrado no ano de anterior.

FIP - SETOR IMOBILIÁRIO - PATRIMÔNIO LÍQUIDO X CAPTAÇÃO



Vale lembrar que os FIP são instrumentos cujo cotista assume um compromisso em integralizar o capital subscrito na medida em que o gestor do fundo fizer chamadas, ou seja, na medida em que há a necessidade de novos aportes de recursos no(s) empreendimento(s) investido(s). Portanto, o crescimento no volume de captação dos FIP indica um movimento de aumento na oferta de novos empreendimentos, reforçando a tese de que o mercado imobiliário brasileiro, também neste ano, continua a vivenciar um bom momento.

RANKING DE RENTABILIDADE - 1º SEMESTRE 2011
FUNDOS DE INVESTIMENTOS X RANKING (%)



DESTAQUES

Neste primeiro semestre de 2011, três operações foram destaques no setor imobiliário nacional:

- (i) a venda de parte do portfólio da Bracor para o fundo Prosperitas, a maior transação já realizada no mercado imobiliário nacional, a qual movimentou cerca de R\$ 2,2 bilhões e foi composta por 30 imóveis, sendo a sua maioria imóveis industriais;
- (ii) a criação de uma sociedade entre o banco BTG Pactual, o qual entrará com cerca de R\$ 1,5 bilhões em ativos imobiliários mais R\$ 300 milhões para formação do caixa da empresa, e a WTorre Properties, também entrando com R\$ 1,5 bilhões em ativos;
- (iii) a venda de 33,3% da participação acionária da MRV Log para o fundo norte-americano de private equity Starwood Capital por R\$ 250 milhões, no entanto, sem alterar a estrutura de controle da empresa, com a MRV Engenharia permanecendo com 42% das ações ordinárias

OPORTUNIDADE

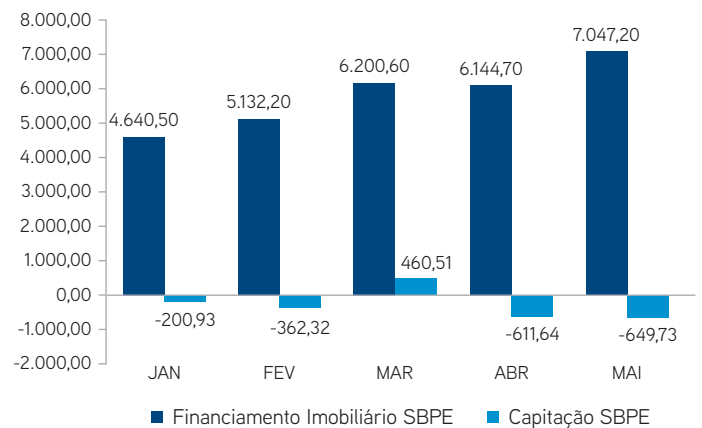
O Brasil vem vivenciando nas últimas duas décadas momento único

em sua economia por conseguir alcançar crescimento econômico, com estabilidade nos preços e controle nas contas públicas. Esse processo vem permitindo um movimento de inclusão social no país, a partir do aumento da oferta de empregos e da massa salarial, possibilitando a milhões de pessoas terem acesso ao crédito.

Tal cenário possibilitou a reativação do setor imobiliário brasileiro, bastante dependente do crédito, oferecendo às famílias melhores condições de financiamento para aquisição de seus imóveis utilizando, principalmente, recursos da poupança e do FGTS. Além disso, o governo lançou em 2009 o programa Minha Casa Minha Vida, oferecendo maiores facilidades no financiamento de imóveis para famílias de baixa renda.

Dessa forma, o volume de recursos da poupança e do FGTS destinados ao financiamento habitacional vem crescendo de forma bastante superior ao volume captado, indicando um provável esgotamento dessa fonte de recursos num futuro breve, dado que nosso déficit habitacional continua grande – cerca de 8 milhões de moradias. Alguns especialistas projetam um esgotamento desses recursos em 2014, sendo necessário o desenvolvimento de novas fontes de financiamento para o setor.

CAPTAÇÃO POUPANÇA X FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO (R\$/MILHÕES)



É nesse contexto que cresce a necessidade de haver também um melhor aproveitamento dos instrumentos do mercado de capitais acima citados para complementação de recursos destinados ao financiamento habitacional, e não somente para financiar imóveis comerciais, como vêm hoje sendo utilizados.



TRANSAÇÕES OCORRIDAS NO PERÍODO

VENDA - ESCRITÓRIOS				
EMPREENDIMENTO	LOCALIDADE	M ²	CAP RATE (A.A.)	DATA
Ed. Athenas	São Paulo	6.230	10,84%	mar/11
Ed. Joaquim Floriano	São Paulo	2.834	10,63%	mar/11
Ed. Burity	São Paulo	10.549	11,55%	abr/11

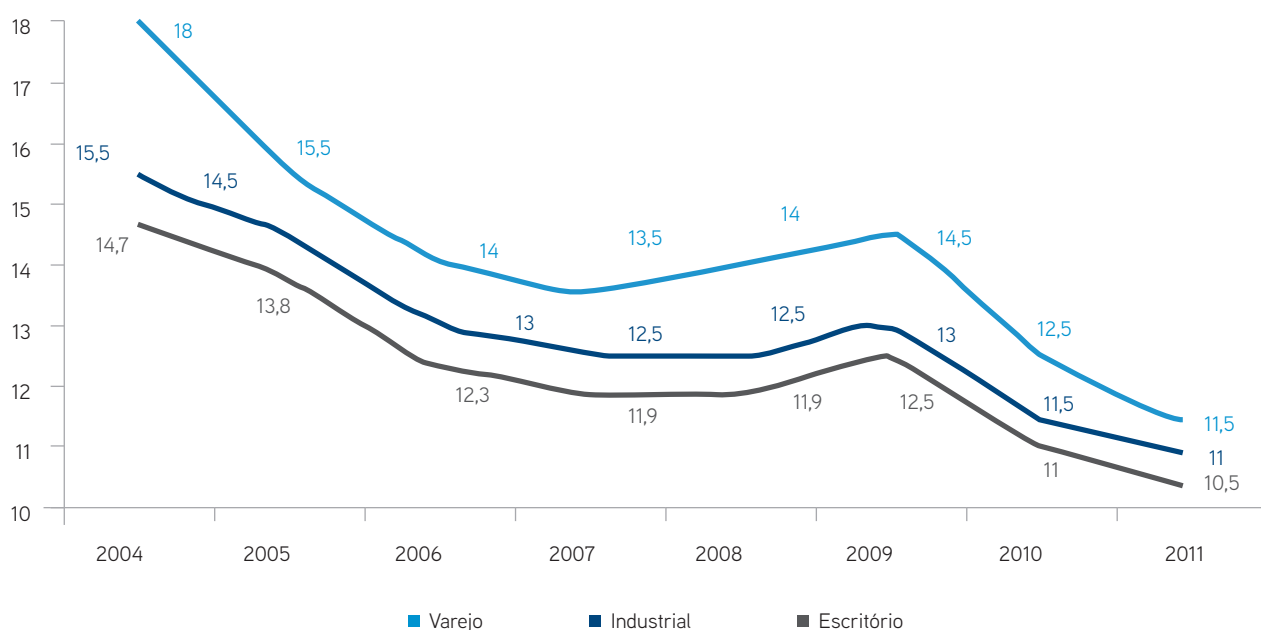
LOCAÇÃO - ESCRITÓRIOS				
EMPREENDIMENTO	LOCALIDADE	M ²	PREÇO/M ²	DATA
Edifício Antonio das Chagas	São Paulo	4.200	R\$ 62,87	jul/11

VENDAS - INDUSTRIAL				
EMPREENDIMENTO	LOCALIDADE	M ²	DATA	
DVR Business Park Jundiaí-Itupeva	Jundiaí/SP	140.000	jan/11	
CLB Imigrantes	São Paulo	124.688	jan/11	
CLB Pavuna	Rio de Janeiro	71.340	jan/11	

LOCAÇÃO - INDUSTRIAL				
EMPREENDIMENTO	LOCALIDADE	M ²	PREÇO/M ²	DATA
Distribution Park Dutra	Belford Roxo /RJ	62.880	R\$ 22,00	jun/11
Distribution Park Cajamar (Galpão 100)	Cajamar/SP	27.996	R\$ 21,00	abr/11
DVR Business Park Itapevi (Galpão 3)	Itapevi/SP	6.149	R\$ 22,00	jun/11
MRV Log Jundiaí (Galpão 1)	Jundiaí/SP	8.920	R\$ 16,50	abr/11
Global Jundiaí (Bloco B)	Jundiaí/SP	19.502	R\$ 18,00	mai/11
DVR Business Park Jundiaí-Itupeva	Jundiaí/SP	7.887	R\$ 17,50	mai/11
Centeranel	São Paulo	49.107	R\$ 24,00	jun/11
Sorocaba Business Park	Sorocaba/SP	35.680	R\$ 16,00	mai/11
Leroy Merlin	Rio de Janeiro	21.582	R\$ 19,50	jun/11
Mega Centro Logístico Itajaí	Itajaí/SC	7.200	R\$ 16,00	jun/11
Mega Intermodal Esteio	Porto Alegre /RS	10.000	R\$ 16,00	mai/11
Faurecia	Limeira /SP	105.365	R\$ 24,00	fev/11
Grupo Arcel	Campinas/SP	38.643	R\$ 16,00	mar/11

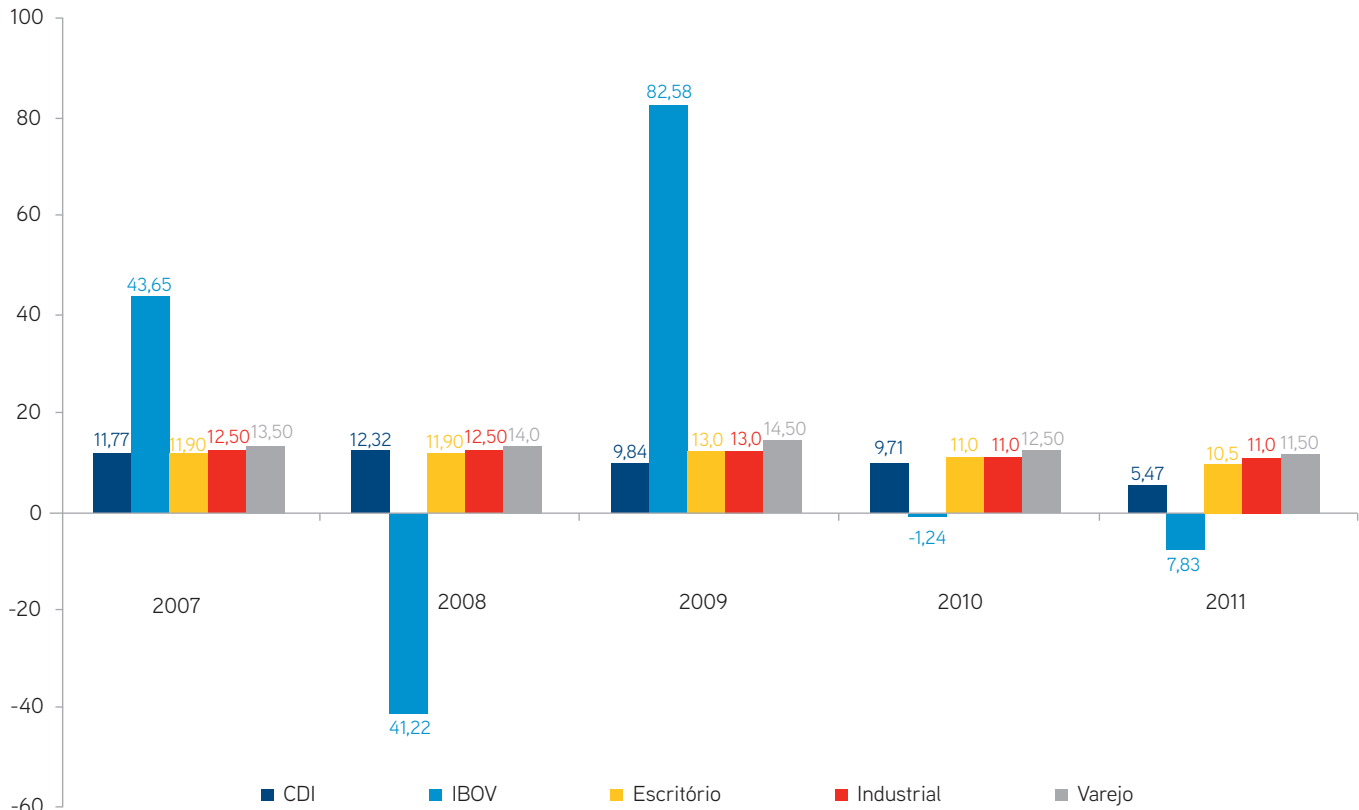
■ Transações realizadas pela Colliers

HISTÓRICO DE CAP RATES MÉDIOS POR SEGMENTO (%)



COMPARATIVO COM DEMAIS INDICADORES FINANCEIROS

DESEMPENHO ANUAL - REAL ESTATE X INDICADORES FINANCEIROS (2007 - 2011) (%)



Conclusões

- Neste ano, a economia começa a dar sinais de desaceleração, devendo fechar o ano com um crescimento do PIB de 3,95%, podendo ainda sofrer impactos de possíveis crises econômicas no exterior;
- Apesar das elevações na taxa de juros ocorridos durante o primeiro semestre, ainda há o risco do IPCA fechar o ano acima do teto da meta de inflação, de 6,5%;
- A pressão sobre o câmbio continuará forte, dados os altos volumes de investimentos estrangeiros no país; podendo a valorização do Real ser revertida em função do agravamento das crises européia e norte-americana;
- O mercado de escritórios de São Paulo deverá alcançar o estágio de superoferta em 2013, três anos antes que o mercado do Rio de Janeiro, ainda incipiente em relação ao primeiro;
- O mercado de capitais vem aumentando sua participação como veículo de financiamento para o setor imobiliário;
- Tendência de estruturação de FII de Renda Fixa – fundos imobiliários cujas carteiras são compostas por CRI;
- O volume de financiamentos habitacionais vem crescendo de forma bastante superior à captação de recursos pelo SBPE, sugerindo uma tendência de maior participação do mercado de capitais no financiamento imobiliário.



Transforme seu imóvel em Capital para Investimento.

A Colliers possui um completo portfólio de soluções para orientar, planejar e implementar investimentos imobiliários em todo o Brasil. Nossa equipe de especialistas está envolvida desde o gerenciamento de aquisições imobiliárias até a desmobilização de ativos de pequeno, médio e grande porte.

Em 2011 foram mais de R\$ 320 milhões em transações envolvendo investimentos imobiliários, das quais cerca de 80% envolveram operações de compra e venda, *build-to-suit* e *sale & leaseback*.



OPORTUNIDADES PARA INVESTIMENTO COM RENDA



Barueri - SP

Edifício com 11.221 m² (área útil) à venda. Com renda e potencial para desenvolvimento.



São Paulo - Zona Sul

Andar com 598 m² (área privativa) e 1.303 m² (área total), disponível para venda, ocupado por empresa multinacional.



São Paulo - Zona Sul

818 m² (área total) e 691 m² (área privativa) na Av. Brigadeiro Faria Lima com a Av. Juscelino Kubitschek. Com contrato de locação até 2016

Consulte: investimentos@colliers.com.br, com Daniel Rezende.

COLLIERS INTERNATIONAL BRASIL

SERVIÇOS PARA OS SEGMENTOS INDUSTRIAL, ESCRITÓRIOS, VAREJO, TERRENOS, ÁREAS RURAIS, HOTÉIS, HOSPITAIS E INSTITUIÇÕES DE ENSINO, ENTRE OUTROS.

- *Investimentos Imobiliários*
- *Representação de Proprietários, Ocupantes e Compradores (Locação, Compra e Venda)*
- *Consultoria e Desmobilização de Ativos e/ou Portfólios Imobiliários*
- *Operações Build to Suit e Sale & Leaseback*
- *Administração de Contratos de Locação e Gerenciamento de Propriedades*
- *Avaliação de Imóveis para Compra, Venda, Garantia e Locação*
- *Estudos de Vocação, Mercado e Viabilidade Técnico-Financeira*
- *Avaliação e Consultoria para Fundos de Investimento e Pessoas Físicas*
- *Green Consulting para obtenção de certificação LEED®*

Colliers International Mais de 500 escritórios em 61 países nos 6 continentes

Estados Unidos: 125

Canadá: 38

América Latina: 18

- US\$ 1,5 bilhões em receita anual
- Mais de 90 milhões de m² sob gerenciamento
- Mais de 12.500 profissionais

CONTATOS NO BRASIL

São Paulo

R. Olimpíadas, 205 - 1º andar
04551-000 São Paulo SP
TEL +55 11 3323 0000

Rio de Janeiro

Av. Almirante Barroso, 63 - sl. 1.217
20031-003 Rio de Janeiro RJ
TEL +55 21 2524 4242

Recife

Av. Gov. Agamenom Magalhães, 4.575 - sl. 1.503
50070-160 Recife PE
TEL +55 81 3037 2222

Mais Informações:

INVESTIMENTOS

Daniel Rezende, Manager
investimentos@colliers.com.br

PESQUISA E INTELIGÊNCIA DE MERCADO

research@colliers.com.br



Accelerating success.